

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA  
UNIÃO NACIONAL DE ANALISTA TRANSACIONAIS-BRASIL  
UNAT-BRASIL  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**RITUAIS COMO FOMENTADORES DE AUTONOMIA**

JOANA HENNEMANN

Porto Alegre-RS  
2013

JOANA HENNEMANN

**RITUAIS COMO FOMENTADORES DE AUTONOMIA**

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União Nacional de Analistas Transacionais-Brasil, como requisito parcial do curso de Pós Graduação para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional  
Orientadora: Jane M P Costa

Porto Alegre-RS

2013

## RITUAIS COMO FOMENTADORES DE AUTONOMIA

RITUAL AS INSTIGATORS OF AUTONOMY

Joana Hennemann<sup>1</sup>

FATEP

UNAT-BRASIL

**Resumo:** Para Eric Berne, psiquiatra que desenvolveu a Análise Transacional, o Ritual é a forma de Estruturação do Tempo que menos provê reconhecimento nas relações. Este artigo tem por finalidade ressignificar o conceito de Ritual na Análise Transacional trazendo o entendimento de que a ritualização pode ser compreendida não como submissão a padrões programados pela tradição e costumes sociais, mas como ação provedora de um ambiente que estimula o desenvolvimento da Autonomia. Embasa a reflexão em autores do campo da antropologia, psicologia e da sociologia. A. VanGennep, A.N. Terrin, Catherin Bell, Luigi Zoja, S.J. Tambiah e Victor Turner são utilizados para ilustrar e explicar o estudo de rituais como práticas repletas de simbolismos e significados. Através de Mircea Eliade e Gregory Bateson se pondera a noção de sagrado e consagração. A Autonomia é trabalhada como Eric Berne a percebe, implica em capacidade de consciência, intimidade e espontaneidade.

**Palavras Chave:** Análise Transacional. Rituais. Consagração. Autonomia.

**Abstract:** For Eric Berne, psychiatrist who developed Transactional Analysis, the ritual is a way of structuring the time that less provides recognition in the relations. This article aims to reframe the concept of Transactional Analysis Ritual in bringing the understanding that the ritualization can be understood not as a submission patterns programmed by social customs and tradition, but as an action provider of an environment that encourages the development of Autonomia. Embasa reflection authors in the field of anthropology, psychology and sociology. A. VanGennep, AN Terrin, Catherin Bell, Luigi Zoja, S.J. Tambiah and Victor Turner are used to illustrate and explain the study and practice of rituals full of symbolism and meanings. Through Mircea Eliade and Gregory Bateson one ponders the notion of sacred and consecrated. Autonomy is crafted as Eric Berne perceives implies capacity of consciousness, intimacy and spontaneity

**Keywords:** Analysis Transacional. Rituals. Consecration. Autonomy

---

<sup>1</sup> Psicóloga pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS  
Membro associado da UNAT-BRASIL  
Atua como Psicóloga Clínica  
e-mail: joanahennemann@gmail.com

## **Introdução**

O estudo de rituais é uma temática constante nas pesquisas das ciências sociais e antropológicas do ocidente, que está longe de ser esgotada. Os rituais existiram em diversas culturas ao longo da história e, com o passar do tempo, foram perdendo espaço e sentido no mundo moderno. Mudanças na nossa vida e fechamentos de ciclos são constantes e os rituais tinham por objetivo demarcá-los e consagrá-los. A Análise Transacional, teoria criada por Eric Berne, identifica Ritual como uma das seis formas possíveis de Estruturação Social do Tempo. Este artigo propõe ressignificar o conceito de Ritual na Análise Transacional trazendo o entendimento de que a ritualização pode ser compreendida não como submissão a padrões programados pela tradição e costumes sociais, mas como ação provedora de um ambiente que estimula o desenvolvimento da Autonomia.

## **O que são rituais?**

Eric Berne (1988) conceitua Ritual como uma das seis formas de Estruturar o Tempo. Seguindo do Isolamento, Berne vê os Rituais como a segunda forma mais segura de ação social. O autor alude que estes são intercâmbios altamente estilizados que poderão ser informais ou formalizados em cerimônias que são completamente previsíveis e de pouca informação. Neste conceito, as Transações constituídas pelos Rituais são sinais de mútuo reconhecimento. As unidades de um Ritual são denominadas Carícias, por analogia com a forma em que os bebês são reconhecidos por suas mães. Estes são programados pela tradição e costumes sociais. Os Rituais entendidos dessa forma parecem atos simples com sentidos limitados nos quais poucas informações ficam disponíveis aos envolvidos. O entendimento de Rituais como submissão a padrões programados pela tradição e costumes sociais limita sua potencia, pois a existência de rituais vai além de simples formalidades. As análises rituais avistam uma vasta exposição de significações.

Gennep (1977) alega que, se por um lado há protocolo, os Rituais estão para além da pouca informação, pois são recheados de simbolismos, como por exemplo, a comensalidade. Uma refeição oferecida e partilhada pode ser uma etapa de grande importância entre um estrangeiro e uma tribo, na qual o ato de comer em conjunto faz parte de um rito de agregação, considerando a aceitação da intenção atrás do gesto, a entrada de um novo integrante na tribo, de forma gradual. A partir

desta análise fica claro que os Rituais contêm atos simbólicos que, quando vivenciados com sua finalidade, carregam em si sentidos e legitimam momentos. O ato simbólico demonstra esta riqueza encontrada nos rituais "No contexto ritual *ndembo*, todo o objeto usado, todo o gesto realizado, todo canto ou prece, toda unidade de espaço e tempo representa, por convicção, alguma coisa diferente de si mesmo. É mais do que parece ser e, freqüentemente, muito mais" (TURNER, 1974, p.25). Sendo assim, podemos dizer que o simbolismo está cheio de sentidos. A ação não é meramente representativa, ela é uma ação autônoma, não um automatismo, quando estes sentidos se fazem presentes.

Para conceitualizar rituais e ritos, este trabalho se utiliza da visão de Terrin(2004), que diz que ao se usar o termo "rito", faz-se referência a uma ação realizada em determinado tempo e espaço (a iniciação torna o menino adulto, o batismo faz a criança cristã). Trata-se de ações, com início, meio e fim, que são diferentes das ações da vida ordinária. Já, a palavra "*Ritual*" refere-se a uma idéia geral, da qual o rito é uma instância específica. Uma abstração, enquanto o rito é aquilo que se realiza e se vive em determinada religião ou cultura. Terrin (2004) define Rito como conceito de cultura, pois ele perpassa por diversas dimensões: teológica, fenomenológica, histórica, religiosa, antropológica, lingüística, psicológica, sociológica, etnológica e biológica. Para este autor a ação de *ritualizar* é o processo pelo qual se formam ou se criam ritos - ações que, com o tempo, são ritualizadas (pessoa que é levada a ter um comportamento ritual e ritualiza o próprio agir, tornando-se formal e repetitivo). É visto como um processo positivo. O *ritualismo*, por sua vez, é quando se passa a dar uma conotação negativa ao processo. Um comportamento estereotipado, esvaziado de qualquer conteúdo simbólico. Terrin (2004) cita como exemplo comportamentos nas grandes religiões quando se tornam repetitivos, padronizados e formais e quando um doente recorre a formas ritualizadas para combater a angústia, como lavar as mãos diversas vezes. Nos dias atuais, contudo, o termo rito é de tal forma amplo que inclui qualquer atividade realizada de forma padronizada, formalizada e repetida.

Hoje a sociedade lida com algumas passagens importantes da vida de forma celebrativa e, às vezes, cerimonial, utilizando formalidades e rituais, porém, o ato ritualístico muitas vezes perde seu sentido e significado profundo acabando por serem repetições estereotipadas, esvaziado do seu sentido simbólico. Esta percepção meramente celebrativa impossibilita vivenciar estas cerimônias de forma

a ritualizar. Bell (1992) realiza um quadro de reanálise dos tipos de atividades geralmente entendidas como ritual. Em um nível fundamental, essa estrutura tenta retornar tais atividades rituais para o contexto da ação humana em geral. Ela propõe que possamos ver o ritual como uma forma de agir, ou seja, a ritualização da atividade. *Ritualização* é, fundamentalmente, uma forma de fazer as coisas para provocar a percepção de que essas práticas são distintas, e as associações que eles geram são especiais. A grande estratégia é empregada apenas na medida em que algumas atividades são ritualizadas e aí diferenciadas de outros atos. Um processo ritualístico é assim utilizado para trazer intensidade ao vivenciado. A ritualização tem propósitos e sentidos comunicados para além da palavra. Um rito é definido como: "Sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica" (TAMBIAH, 1985, p.124). O caráter performativo do rito valida sua expressão pois

a eficácia deriva do caráter performativo do rito em três sentidos: onde dizer é fazer como ato convencional, no de uma performance que usa de vários meios de comunicação através dos quais os participantes experimentam intensamente o evento, e finalmente, no sentido de remeter a valores que são vinculados ou inferidos pelos autores durante a performance, o vínculo entre forma e conteúdo (TAMBIAH, 1985, p. 128).

A ação ritual não é mera representação; à medida que se diz e se faz as ações ritualísticas, estas vão sendo consumadas no próprio ato, por exemplo, o "sim" dito pela noiva e pelo noivo no altar. Qual a importância de se ritualizar celebrações e passagens de vida? "Legitimar é uma das coisas mais poderosas que o ritual faz" (BELL, 1992, p.196). Para a autora Rituais são políticos. O ritual é uma coisa por ela mesma. É poder do ato e atuação. A ritualização como um modo estratégico da prática produz relações sutis de poder, relações caracterizadas por aceitação e resistência negociadas, apropriação e reinterpretação redentoras à ordem hegemônica. "Ritualização envolve a diferenciação e o privilégio de atividades particulares." (Bell, 1992, p.197). O processo ritualístico acontece desta forma justamente por demarcar passagem, mudança, algo além do corriqueiro e trivial, que precisa de uma moldura especial para que sua eficácia aconteça. A eficácia é a consumação do Rito que, à medida que é vivenciado, traz em si seu propósito. Das definições sobre rituais —Tambiah traz uma definição aberta e, ao mesmo tempo, precisa quando diz que

os eventos que os antropólogos definem como rituais parecem partilhar alguns traços: uma ordenação que os estrutura, um sentido de realização coletiva com propósito definido, e também uma percepção de que eles são

diferentes dos do cotidiano. Mas o ritual faz parte de uma cosmologia (TAMBIAH, 1985 p.130).

A realização dos eventos rituais como coletiva necessita de um coletivo que se veja como comunidade. A comunidade no ritual atua para que o sujeito assimile e vivencie sua passagem. Por exemplo, num velório, o papel coletivo ritualizado terá uma tendência, como nos diz Gennep (2011), numa direção de marcar e simbolizar separações. Já num casamento, a ação coletiva tende a dramatizar a agregação do sujeito que está mudando de grupo, enquanto que num período marginal, como Gravidez, Noivado, Iniciação, a seqüência das ações ritualísticas da comunidade investe nas margens do sujeito que passa pelo momento ritualístico para que este se veja de modo individualizado. Existe um diálogo entre comunidade e sujeito, num respaldo para que a ação da transição da passagem em si ocorra e para que o rito cumpra a função de assimilação, entrega e legitimidade.

Zoja (1992) constata que, através dos Ritos, a vida psíquica e social de todos os povos era organizada. Estes tinham também por finalidade, auxiliar no desenvolvimento da psique. Neste olhar, o autor percebe como um prejuízo psíquico a falta dos ritos na atualidade. Os ritos ocupavam um lugar de grande relevância em todas as sociedades tradicionais ainda não industrializadas e seu desaparecimento é um fenômeno recente referente à nossa cultura ocidental moderna. Mudanças na nossa vida e fechamentos de ciclos são constantes e os ritos tinham por objetivo demarcá-los e consagrá-los.

### **Rituais como instrumento de consagração**

Consagrar pode ser visto como um dos propósitos dos Rituais. Uma consagração diz respeito a tornar sagrado o que era profano; no caso do rito, tornar sagrado o momento e seu significado, como diz Eliade (2001, p.25): "Consagrar é buscar comunhão com o sagrado". O autor fala do sagrado e do profano como duas formas de ser no mundo, dimensões possíveis da existência humana. A própria palavra consagração tem como um dos seus significados "legitimar, tornar legítimo." Pois, ao tornar sagrado, a legitimidade acontece.

Para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale a poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. A oposição sagrado/profano traduz-se muitas vezes como oposição entre real e não real ou pseudo-real" (ELIADE, 2001 p.25).

Neste sentido, tornar sagrado um ritual seria como legitimá-lo para si mesmo. A forma sagrada de existir é consagradora, torna sagrada a ação ritualística. O autor traz a idéia de que ver a realidade de forma totalmente dessacralizada é uma descoberta recente na história da humanidade. A legitimidade acontece, pois enquanto no profano acomete-se ao automatismo da nossa vida diária, no sagrado acontece um contato profundo com o momento presente e suas relações no aqui e agora. Neste sentido, o ritual trabalha para este propósito, deixar a abundância entrar, proporcionar contato entre estrutura e significado, pois toda a mudança psíquica se dá através e no contato com o aqui e agora. "Entre o mundo profano e o mundo sagrado há incompatibilidade, a tal ponto que a passagem de um ao outro não pode ser feita sem um estágio intermediário" (GENNEP, 2011, p. 23). O estágio intermediário é o que busca um ritual. Assim, podemos pensar no processo ritualístico como uma ação coletiva de consagração na qual as pessoas envolvidas têm consciência do seu propósito, de testemunhar a mudança, facilitá-la e abençoá-la. Estudar a sacralidade de um fenômeno requer o estudo de suas relações.

Como se torna um campo grupal num campo sagrado? Na combinação da informação analógica do campo mais verbal e analítico do cérebro esquerdo com o direito, mais intuitivo e não verbal através do vivencial, produz-se o simbólico, numa densidade significativa que palavras sozinhas não podem expressar, convidando o sagrado a se instaurar, trazendo ao sujeito que passa pelo ritual possibilidades de interpretação pessoal e sentido. A forma ritualística proporciona uma vivência para além do diálogo e da razão. Possibilita a sensação através do simbólico, das dramatizações, da imagem poética, instaurando o campo sagrado.

### **Estados de Ego e a forma de se vivenciar um ritual**

Berne(1985) fala que a Estrutura de Personalidade compreende três Órgãos Psíquicos: Exteropsique, Neopsique e Arqueopsique, que se manifestam fenomenologicamente e operacionalmente através de três tipos de Estado de Ego chamados de Pai, Adulto e Criança, respectivamente. O autor descreve Estados de Ego como estados da mente e seus padrões afins de comportamento. Toda pessoa transita entre estes Estados. Assim, a Criança, o Adulto e o Pai são fenômenos baseados em realidades concretas. Ao nos relacionarmos, estimulamos

determinados Estados de Ego a partir da nossa comunicação e dos outros. As cerimônias vivenciadas apenas como uma série de Rituais coordenados por estímulo parental – é assim que acontece, está na hora, é o que se espera – leva a pessoa a viver momentos de mudança de forma repetitiva e inconsciente, nos quais quem comanda é a Criança Adaptada, não promovendo Autonomia. Aqui temos uma Criança Adaptada que tende a repetir momentos vivenciados por seus pais ou por determinada instituição. Assim o sujeito que passa pelo ritual pode facilmente se submeter, porém o ato em si deixa de ser uma ação que ritualiza para ser um mero ritualismo. No ritualismo a presença do sujeito é um simples transcorrer de um tempo não diferenciado e nada acontece no desenvolvimento da psique. Repete-se o *Script*, a obediência a uma cultura disciplinar que totaliza ao validar uma atitude introjetiva. Um Pai Crítico tende a estimular uma Criança Adaptada.

Para que ocorra expansão de consciência que requer um momento de passagem, o contato com o aqui e agora é fundamental, trazendo o propósito como foco. A cerimônia previsível, com Rituais meramente padronizados, formalizados e repetitivos esvaziados de conteúdo simbólico, é mais uma prática disciplinar que não promove autonomia para haver mudança, pois a celebração por si só não legitima, muda-se *status*, mas a mudança psíquica requer ampliação de consciência. No momento celebrativo vivenciado de forma profana, a resistência à mudança tende a ganhar a cena. Num ritual criativo e intuitivo, no qual se instaura o sagrado, convidamos o Pequeno Professor a participar, e a parte parental serve de ancoragem para levar o indivíduo ao contato profundo com a experiência do momento e seu significado, ancorando o momento de passagem-como uma parteira, que acolhe e ancora o rito para que o bebê e a mãe possam passar pela experiência- a passagem sempre requer um sacrifício. Se o sujeito desvalida a potência do contato com o momento presente e seu sentido profundo, a transição, a mudança, de forma inconsciente pelo medo da dissolução do modo de ser, a possibilidade de uma mudança psíquica ocorrer diminui, ficando restrito a uma prática sem sentido internalizado. Se o sujeito reconhece e se entrega para a experiência ritualística, será conduzido pelo processo, se afetar e a possibilidade de uma mudança psíquica acontecer aumenta. Os Rituais sagrados estão à mercê de um Pai Protetor-vamos validar o que está acontecendo, no sagrado que isto é, através do simbolismo vivido pelas quatro portas de entrada do ser, pelo sentir, pelo significado, pelas sensações e pelo pensar -acolhe-se os temores da Criança que

passa pelo desconhecido -uma vez que é uma passagem- através da função coletiva de proporcionar separação, se o ritual for de separação, de agregação se for agregador ou margem, se for de limiaridade (GENNEP,2011). Isto permite uma maior assimilação do sujeito- a pessoa adulta que sou experiencia o reconhecimento da mudança que está por vir, faz contato com suas emoções, validando o tamanho do impacto, o significado para si da situação e, ao partilhar com o coletivo, legitima esta mudança. Proporciona o dar-se-conta - "estou mudando". A riqueza da experiência de contato depende da capacidade de uma pessoa perceber seu impacto total.

A experiência simbólica traz o convite para que não haja hesitação e sim entrega. A preparação, o Ritual, convida a presença pessoal, o sutil acompanhamento do aqui e agora, facilitando a ritualização e consumação. A comunidade facilita o processo, testemunha a caminhada.

### **Autonomia**

Para Berne (1977) a obtenção de Autonomia é manifestada pela liberação ou pela recuperação de três capacidades: Consciência, Espontaneidade e Intimidade.

A capacidade da Consciência requer a vida no aqui e agora. O que Berne conceitua como uma capacidade mais visível nas crianças, de observar o canto dos pássaros com deleite, por serem menos intelectualizadas é também o que tratamos como sagrado. Trazer a consciência para o aqui e agora talvez seja o maior objetivo da ação ritual, para que o ser possa executar suas ações de mudança de forma consciente. Sacralizar seria uma forma de lidar com a realidade sem negar sua grandiosidade, ser afetado por ela no aqui e agora.

"A pessoa consciente está viva porque sabe o que sente, onde está e o momento que vive." (BERNE, 1977, p. 157). A forma ritualística proporciona uma vivência para além do diálogo e da razão. Possibilita o vivenciar intenso do presente pelas sensações através do simbólico, das dramatizações, da imagem poética. Ao possibilitar a instauração do sagrado, este "afirma-se como a experiência de uma realidade e a origem da consciência de existir no mundo" (BATESON 1993, p.34). O propósito que viver um momento de forma ritualística implica em uma escolha de sair de um momento profano e trazer a consciência de sua importância.

A capacidade da Espontaneidade significa, para Berne, opção, liberdade de escolher e de exprimir sentimentos existentes. Bell (1992) comenta que o trabalho

realizado através de ritualização é muito inadequadamente apreendido pela noção de controle. Ritualização social não é uma questão de transmissão de crenças compartilhadas, inculcando a ideologia dominante como uma subjetividade interna, ou mesmo fornecendo aos participantes os conceitos para pensar numa construção particular. A interação das relações de poder efetuadas por ritualização define, capacita e constrange. Práticas ritualizadas, por necessidade, requerem o consentimento externo dos participantes. Não funcionam como um instrumento de símbolos de controle. Ritualização, como qualquer forma de controle social, mesmo que indiretamente definido, só será eficaz quando este controle pode dar ao luxo de ser um pouco solto. A Ritualização não vai funcionar como controle social, se for percebida como não passível de algum grau de apropriação individual. Se as práticas de negar todas as formas de escolha individual, ou todas as formas de resistência, eles iriam tomar uma forma diferente de ritualização.

A capacidade de Intimidade para Berne é uma franca relação Criança-a-Criança sem nenhum Jogo de exploração mútua. É instaurada pelo Estado Adulto das partes envolvidas, de modo que entendem muito bem seus contratos e compromissos recíprocos, algumas vezes sem se proferir uma única palavra sobre o assunto. Quando se torna mais claro esse entendimento, o Adulto gradualmente sai do cenário, e se o Pai não interfere, a Criança se torna cada vez mais descontraída e livre. As Transações íntimas de verdade acontecem entre dois Estados Criança do Ego. O Adulto ainda permanece ao fundo como observador para assegurar a manutenção dos compromissos e limitações. O Adulto também tem a tarefa de manter o Pai longe para que não se meta nem estrague a situação. Na verdade, a aptidão para a Intimidade depende da capacidade do Adulto e da Criança para manterem o Pai à distância, se necessário, mas é ainda melhor se o Pai benevolente der permissão, ou melhor ainda, encorajar o relacionamento. "Numa relação íntima, cada parceiro volta ao original e ingênuo estado...pode ver, ouvir e provar da forma mais pura que o mundo tem a oferecer" (BERNE, 1976, p.104).

A comunidade na ação ritual está focada no propósito e na experiência que consoma o rito. Serve de testemunha. Testemunhar é olhar mesmo a outra pessoa. "Os olhares conduzem inevitavelmente aos contatos" (BERNE, 1976, p166).

Passatempos e jogos constituem na verdade um mero substituto do ato de viver a verdadeira intimidade. Por este motivo, podem ser considerados mais como escaramuças do que uniões reais e significativas. A intimidade

se inicia quando a programação individual se torna mais importante. A verdadeira intimidade é a única resposta completamente satisfatória aos anseios de estímulo, reconhecimento e estruturação do tempo. Seu protótipo é o ato de fecundar com amor (BERNE, 1976, p.22).

Na Intimidade, quando se prepara e executa uma cerimônia ritualística com a finalidade de consagrar um momento, todo o coletivo é testemunha deste ensejo. As falas, as ações, o contexto, tudo é repleto de significado.

Ao vivenciarmos uma celebração de forma ritualística estamos contratando com o coletivo e com a pessoa envolvida que o terreno será construído a partir de sua preparação com respeito e testemunhas – olhares que olham verdadeiramente a pessoa que passa pelo rito – trazendo através dos Rituais a permissão e a benevolência paternas, para que o ser se encontre em estado ingênuo, capaz de sentir e presenciar, ver, ouvir, provar o rito como quem atravessa um terreno fértil que aos poucos é fecundado com o amor por todos os indivíduos que reconhecem e legitimam a passagem, que acontece ao mesmo tempo em que é experienciada.

### **Entendimento Final**

Podemos ver os Rituais como forma de ser mais uma interação que resiste, repetindo padrões de pouco significado, referido por Terrin(2004), o *ritualismo*, ou podemos usá-los para buscar o oposto, ritualização, buscar o sentido profundo e a entrega para um momento de autonomia através de uma ação de *ritualizar*. (Bell 1992).

Numa cerimônia de passagem, podemos introjetá-la, como quem engole sem mastigar, e por isso incorpora-se padrões exteriores, por exemplo – é assim que é, assim que aprendi, assim que será – havendo uma generalização. Podemos projetar, por exemplo –está na hora de ser mãe, é o que esperam de mim –, e vivermos uma celebração sem assumir responsabilidade perante a mudança. Podemos defletir, tratando o momento de forma dispersiva e superficial, sem nos darmos conta do verdadeiro significado do momento, desqualificando as emoções e a abundância do encontro, substituindo por discursos chatos, conversas informais. Podemos confluir, buscando pertinência, pertencimento, sem a individuação necessária – sentido próprio do ritual, internalização do processo, a partir da experiência.

Podemos, no entanto buscar o sentido dos rituais e transformar um momento de passagem em um ato ritualístico. A vivência ritual facilita o contato com o que precisa ser vivido, pois todo o coletivo se envolve e se prepara para acolher. Ao passar de forma inconsciente como algo repetitivo desqualifica-se a função do coletivo e o propósito individual presente no rito. Podemos assim pensar que a cerimônia pode levar à consagração ou não, dependendo de como é vivenciada. Quando ocorre a ritualização, formalizar um rito, este traz o convite de viver o momento a partir do Adulto (escolha e propósito) e com a entrega da Criança. Um rito transforma uma cerimônia, uma celebração em algo sagrado, uma marca, e por dar espaço ao simbolismo, cria o espaço necessário para que o Adulto possa reconhecer sua escolha e, através da identificação do seu propósito, trazer consciência para a concretização deste. O processo ritual é vivenciado como um chamado ao Adulto para experienciar no aqui e agora a transformação que se faz necessária. Neste sentido o ritual, além de cerimonial, é também psíquico, legitima uma consagração, um lembrar o sentido do que é vivenciado e um proporcionar coletivamente e individualmente esta mudança. O ritual pode facilitar a organização coletiva entre a pessoa, a família e a comunidade e entre o passado, o presente e o futuro.

O ritual consagra, pois tem por finalidade tornar sagrado o momento e seu significado, através de uma série de ações rituais com propósitos e gestos simbólicos, vivenciados por quem passa pelo rito e pela comunidade que testemunha e participa da consagração. Através do ato de consagrar se legitima, pois ao tornar sagrado, a legitimidade acontece. A promoção de Autonomia é convidada a fazer parte da cerimônia. A comunidade conduz o ser a vivenciar o que deve ser vivenciado, de forma consciente. Assim o Ritual pode ser um momento de profunda Intimidade consigo mesmo partilhada com os outros, que testemunham este momento de mudança e colaboram para que ele aconteça. O Ritual vivenciado como tal proporciona Autonomia, e através dela a mudança é possível, pois é vivida com Consciência Espontaneidade e Intimidade.

A partir desta reflexão o entendimento de Ritual difere do ritualismo, não é só entendido como submissão a padrões programados pela tradição e costumes sociais, mas também, é provedor de um ambiente que estimula o desenvolvimento da Autonomia, quando vivenciado de forma simbólica através do processo ritualístico.

**Referências:**

- BATESON, Gregory. **Una unidad sagrada**. Barcelona: Gedisa, 1993.
- BELL, Catherin. **Ritual Theory, Ritual Practice**. New York: Oxford University Press, 1992.
- BERNE, Eric. **Sexo e Amor**. Rio de Janeiro: José Olímpio Ed. 1976.
- Os Jogos da Vida**. Rio de Janeiro: Ed. Artenova. 1977.
- O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino**. São Paulo: Nobel, 1988.
- ELIÁDE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GENNEP, Arnold. Van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- TURNER, Victor W. **O processo ritual- Estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- TAMBIAH Stanley Jeyaraja. **A performative approach to ritual**. London: Proceedings of the British Academy 65: 113-169, 1979.
- Culture, Thought and Social Action: An anthropologic Perspective**. London: Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.
- TERRIN, Aldo Natale. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004.
- ZOJA, Luigi. **Nascer não basta**. São Paulo: Axis Mundi, 1992.